



PRÓLOGO

ANTÍGONA — Ó minha irmã e amada companheira Ismênia. Pensas que Zeus deixará de cumprir, antes de nossa morte, ao menos uma das maldições que Édipo nos legou? Já conhecemos desgraças, perseguições, afrontas, desprezo, todas as formas de infortúnio. E agora, que novo edito é esse que o príncipe mandou apregoar? Não soubeste de nada? Não sentes o ódio, aproximando-se passo a passo daqueles que nós amamos?

ISMÊNIA — Não, Antígona, não tenho nenhuma notícia, feliz ou dolorosa, daqueles que nós amamos. Num dia só perdemos nossos dois irmãos, que se mataram mutuamente; e com a chegada da noite, retirou-se o exército dos argivos. Nada mais sei, nem de bem, nem de mal.

ANTÍGONA — Eu tinha certeza. Foi por isso que te fiz sair do palácio para te falar a sós.

ISMÊNIA — Que queres fazer?

ANTÍGONA — A sepultura a que nossos irmãos têm direito, Creom só a quer dar a um, deixando o outro insepulto. Dizem que enterrou Etéocles, segundo o ritual, para lhe assegurar entre os mortos um honroso acolhimento. Aí cumpriu sua obrigação; mas proibiu, pelo edito, que se enterre e se chore o desgraçado Polinices: é preciso abandoná-lo sem lágrimas, sem túmulo, como pasto dos pássaros carniceiros? Sim: tais seriam as ordens que o prudente Creom nos envia, a ti e a mim; a mim mesma, eu diria! A qualquer momento virá proclamá-las para que ninguém as ignore, pois lhes dá tanta importância que qualquer transgressor morrerá apedrejado pelo povo. Aí estão os fatos e logo poderás mostrar se és ou não digna de teu sangue.

ISMÊNIA — Mas minha pobre Antígona, se as coisas são assim, que adiantará minha intromissão?

ANTÍGONA — Podes assumir tua parte nas minhas penas e no meu intento.

ISMÊNIA — Que aventura pretendes começar? Quais são os teus projetos?

ANTÍGONA — Quero enterrar o corpo, com estas mãos. Tu me ajudarás?

ISMÊNIA — Então queres enterrá-lo! Violar o edito!

ANTÍGONA — Polinices é meu irmão, e teu também, mesmo que o renegues.
Eu não o abandonarei.

ISMÊNIA — Louca! E a proibição de Creom?

ANTÍGONA — Creom não tem direitos sobre o meu patrimônio.

ISMÊNIA — Minha irmã, pensa um pouco. Nosso pai morreu desonrado e sem estima; quando seus crimes foram descobertos, arrancou os próprios olhos e enforcou-se aquela que foi, ao mesmo tempo, sua mãe e sua mulher. Agora, eis que nossos desgraçados irmãos se entrematam, compartilhando não o trono, mas a morte. Solitárias, assim, tu e eu, não prevês o terrível fim que nos vigia, se infringirmos a lei, se passarmos além dos editos e da autoridade soberana? Não te esqueças de que somos mulheres e de que nunca teremos razão contra os homens. O rei é o rei; é preciso obedecer a esta ordem e talvez a outras mais severas. Que nossos mortos me perdoem sob a terra, mas não tenho escolha: eu me curvarei diante do poder. É loucura tentar o impossível.

ANTÍGONA — Não tenho ordens para te dar. Talvez mesmo não me ajudasses de bom grado. Faze então o que te agrada: eu enterrarei Polinices. Por uma causa como esta, a morte me será doce. Repousarei perto do meu

irmão bem-amado, piedosamente criminosa. Antes devo apaziguar os deuses que jazem embaixo, do que os homens daqui; e lá repousarei para sempre! Tu porém és livre, podes desprezar o que tem valor aos olhos dos deuses.

ISMÊNIA — Eu nada desprezo. Mas desobedecer às leis da cidade? Não. Sou incapaz disso.

ANTÍGONA — Invoca então esse pretexto... Eu irei cobrir de terra o corpo de meu irmão querido.

ISMÊNIA — Desgraçada! Temo por ti!

ANTÍGONA — Não te compadeças de mim; garante tua vida.

ISMÊNIA — Pelo menos não avises ninguém: oculta bem teu projeto. Eu o esconderei também.

ANTÍGONA — Não, fala, anuncia-o a todo mundo. Eu te odiaria mais por teu silêncio.

ISMÊNIA — Teu coração se inflama por coisas que gelam de espanto!

ANTÍGONA — Mas sei que faço a vontade daqueles a quem devo servir.

ISMÊNIA — Se é que consegues; pois procuras o impossível!

ANTÍGONA — Se as forças me faltarem, renunciarei.

ISMÊNIA — Tentar o impossível já é um mal.

ANTÍGONA — Não fales mais! Ou eu te odiarei e o morto te odiará, quando repousares perto dele; e será um ódio justo. Deixa-me, deixa minha imprudência correr esse risco. Sofra eu o que sofrer, terei morrido gloriosamente.

ISMÊNIA — Vai então, já que o resolveste. É uma loucura, mas sabes amar aqueles que tu amas.





PÁRADO

CORO

Ó mais belo sol que jamais apareceu
sobre as Sete Portas de Tebas!
Enfim luziste para nós,
ó belo olhar de luz dourada!
Avanças por cima dos regatos dirceus,
e o chefe do escudo branco,
e o exército imenso dos argivos,
ei-los que fogem diante de ti, a toda brida,
mais depressa do que na vinda!

CORIFEU

E quem os conduziu a nosso chão?
Polinices, o rebelde!
Crocitando como uma águia,
os argivos caíram sobre nós,
cobertos com asas de neve,
na confusão das armas e dos cascos,
sobre os quais tremulavam as crinas dos cavalos.

CORO

Cercaram as casas da cidade.
Em torno das sete portas da muralha
as lanças fechavam seu círculo mortal
e de repente os argivos partiram,
antes que nosso sangue saciasse suas mandíbulas,
e que as nossas torres,
coroa da cidade,
se inflammassem nas chamas da resina.

E por toda parte na planície,
contra suas espáduas,
suscitava-se o deus da guerra,
que humilhou o dragão indomável.

CORIFEU

Zeus detesta a arrogância mais que tudo.
E quando viu os argivos, precipitando-se em
[torrente, embriagados,
deixou cair seu raio e pôs em fuga
os imprudentes que já cantavam vitória.

CORO

Na terra que estremeceu,
os argivos se abateram como Tântalo,
empunhando a chama,
eles que num ímpeto insensato,
num ardor enraivecido de bacante,
investiam contra a cidade em fileiras assassinas.
Nada conseguiram.
O deus da guerra impunha outro destino,
impetuoso a nosso favor.

CORIFEU

Nas sete portas, sete capitães postados,
lutando de igual para igual,
abandonaram suas armas, que oferecemos como
[troféus
a Zeus libertador.
E os príncipes malditos, os dois irmãos gêmeos,
frente a frente, a lança em riste,
tomaram cada qual sua parte
na morte comum.

CORO

Enfim, pagando nosso amor com a glória,
entra a vitória na Tebas dos mil carros.
Não penseis mais em sangue.
A guerra terminou!
Visitemos os templos!
Cantemos em coro durante toda a noite!
E que Dionísio, filho de Tebas, nos conduza,
com esse caminhar que faz o solo estremecer!

CORIFEU — Mas eis que surge nosso rei Creom, filho de Meneceu, preocupado
com novos acontecimentos que os deuses nos enviam. Por que motivo
convocou ele o nosso concílio?





PRIMEIRO EPISÓDIO

CREON — Cidadãos! Depois da tormenta que nos sacudiu, os deuses restauraram nossos negócios. Eu vos convoquei entre todos, porque fostes os leais sustentáculos do trono; vós o fostes sob Laio; também quando Édipo restabeleceu a cidade; e conservastes, depois da morte desse príncipe, vosso fiel apego aos herdeiros reais. Hoje, que os dois irmãos pereceram, sucumbindo a seus destinos iguais, feridos um pelo outro e ambos criminosos, o poder soberano me coube, como parente mais próximo. Ora, é impossível julgar o caráter, a inteligência e as ideias de um homem enquanto ele não der provas de si no governo e na guarda das leis. Se aquele que assume a direção de um Estado tem outras preocupações além do bem comum, se emudece intimidado por qualquer receio, digo e sempre disse, que esse é o pior dos covardes. Também o que prefere um ente querido à sua pátria é como se não existisse para mim. Zeus, cujo olhar é infalível, sabe: não me calarei se vir a desgraça ameaçar a segurança dos meus concidadãos. Nunca tomarei por amigo um inimigo público. Bem sei que a salvação da pátria é nossa salvação, e que não há amizade que se mantenha numa pátria em desordem. Tais são os princípios em nome dos quais espero governar; eles inspiraram o edito que publiquei a respeito dos filhos de Édipo: Etéocles, guerreiro sem igual, será enterrado com todas as honras que acompanham sob a terra os mortos mais gloriosos; mas quanto a Polinices, o desterrado que voltou somente para entregar sua pátria e seus deuses às chamas, para derramar o sangue fraterno e jungir os seus à escravidão, é proibido publicamente aos cidadãos honrá-lo com túmulo ou lamentá-lo. Que seu corpo fique privado de sepultura, presa desfigurada das aves e dos cães. Esta é a minha decisão. Nunca permitirei que os celerados usurpem as honras que se devem às pessoas de bem. Em troca, todo patriota, vivo ou morto, me encontrará pronto a lhe render homenagem.

CORIFEU — A sentença foi proferida, quanto ao bom e quanto ao mau servidor do país. Creom, filho de Meneceu. Muito bem. É teu direito promulgar os decretos, tanto sobre os vivos, como sobre os mortos.

CREOM — Como garantireis a execução de minhas ordens?

CORIFEU — Confia esse encargo a gente mais moça do que nós.

CREOM — Já coloquei guardas perto do cadáver.

CORIFEU — E que podemos fazer para te servir?

CREOM — Denunciar sem piedade qualquer desobediência.

CORIFEU — Ninguém é louco para desejar a morte.

CREOM — Na verdade tal seria o resultado. Mas a ambição muitas vezes perde os homens.

Entra o GUARDA.

GUARDA — Rei, não direi que a pressa me tirou o fôlego nem que vim com o pé ligeiro. Mais de uma vez parei para pensar e precisei às vezes dar meia-volta. E dizia a mim mesmo: “Pobre doido, por que correr para um castigo certo? Bom, mas que adianta? Se Creom souber do negócio por outro, padecerás do mesmo jeito.” A remoer tudo isso na cabeça eu avançava pouco, e é assim que um pedaço de caminho vira uma grande estrada. Finalmente eu me decidi a vir. Vou fazer o relatório custe o que custar. Afinal só pode me acontecer o que tiver de me acontecer.

CREOM — Muito bem, e o que é que te inquieta?

GUARDA — Antes de ir adiante, quero me garantir. Não fui eu quem praticou o ato, nem vi quem foi que o cometeu. Não mereci castigo nenhum.

CREOM — Eis um homem cuidadoso e cheio de embaraços. Mas parece ter alguma coisa a revelar.

GUARDA — É que as más notícias doem para sair!

CREOM — Fala enfim! Depois estarás livre!

GUARDA — Nesse caso vou falar. Alguém acaba de enterrar o morto. Espalhou terra seca e fugiu depois de cumprir os rituais.

CREOM — Que dizes? Quem teve essa audácia?

GUARDA — Não sei. Não ficou marca de enxada nem o chão foi revolvido.

Estava duro, seco, sem uma rachadura, sem uma greta: o trabalhador não deixou marca. Quando o primeiro guarda do dia nos mostrou a coisa, foi para nós uma surpresa muito desagradável. O cadáver tinha desaparecido. Ora, ele não tinha sido enterrado, mas só coberto com terra, somente mesmo o bastante para evitar o sacrilégio. Nenhum vestígio, nem sequer de um animal selvagem ou de um cachorro que o tivesse despedaçado. Então a briga entre nós começou: trocaram-se gritos, ia-se mesmo chegar à luta, e não havia ninguém para separar. Cada um acusava o outro sem prova, e cada um se desculpava. Estávamos prontos a pegar um ferro em brasa, a andar em cima de fogo, a jurar pelos deuses que éramos inocentes do crime, que não sabíamos mesmo quem o preparara e cometera. Mas como isso nada adiantava, um de nós propôs uma solução que nos fez baixar a cabeça, tremendo, porque não podíamos discordar e porque dele não se podia esperar coisa boa: tratava-se de bem fazer um relatório fiel e completo. A proposta pegou, tirou-se a sorte e caiu em mim: era a minha vez! Quero dizer que não estou aqui por meu gosto. Ninguém estima o portador de más notícias.

CORIFEU — Senhor! Os deuses não são estranhos a este mistério de modo algum, foi o que pensei imediatamente.

CREOM — Cala-te, antes que me enraiveça. És por acaso um idiota, nessa idade? Pretender que os deuses tomem conta desse cadáver é uma ideia revoltante. Então eles nos tirariam o morto, para glorificá-lo como um benfeitor, a um homem que acabara de incendiar as colunas dos seus templos, de destruir seu culto, sua terra, suas leis? Já viste por acaso os deuses honrarem os criminosos? Enfim, já notei que os descontentes murmuram contra minhas ordens, meneiam a cabeça sob o manto, e não querem se sujeitar ao jugo de uma obediência leal. Os fatos demonstram que eles pagaram aos guardas para praticar o crime. O dinheiro! Ah, invenção maldita, flagelo dos humanos! Ele arruína as cidades, expulsa os homens de suas casas! Patrão corruptor, perverte as consciências, causa rixas criminosas, inicia os homens em todas as impiedades. Mas os executores mercenários que se deixaram corromper serão castigados mais cedo ou mais tarde. Se é verdade que não perdi todo o respeito aos deuses, escutai minha promessa: encontrai o culpado, trazei-o diante de mim — senão eu vos condenarei à morte. Mas antes sereis dependurados vivos até que o tenhais denunciado. Assim, compreenderéis que nem todo lucro é bom, e que não se deve aceitar dinheiro de qualquer um. Lucro desonesto arruína, mais do que aproveita, aos homens.

GUARDA — Posso falar? Ou devo voltar imediatamente?

CREOM — Não sentiste ainda a impertinência de tua pergunta?

GUARDA — Ela te importunou nos ouvidos ou no coração?

CREOM — Que te importa isso?

GUARDA — O culpado te feriu no coração, eu nos ouvidos!

CREOM — És, na verdade, um conversador incorrigível.

GUARDA — Em todo caso, não sou o criminoso.

CREOM — Por que não? Arriscaste tua vida por ambição.

GUARDA — É isso! Quando se mete uma ideia na cabeça, falsa ou verdadeira, ali fica ela.

CREOM — Escarnece então de minhas suspeitas: se não descobrirdes os culpados, aprendereis que os ganhos vergonhosos só trazem aborrecimentos.

GUARDA — Pois que sejam descobertos. Mas apanhados ou não — isso é questão de sorte —, tu não me verás tão cedo. Eu não pensava me sair tão bem e devo meu reconhecimento aos deuses.

O GUARDA sai. CREOM entra no palácio.





1º ESTÁSIMO

CORO

Existem muitas coisas maravilhosas:
a mais extraordinária porém é o homem.
Ele percorre o mar que se agita
quando a tempestade sopra do sul
e trabalha a mãe dos deuses, a terra soberana,
imortal e inesgotável, ano após ano,
alinhando sulcos ao passo dos cavalos.
O povo dos pássaros, raça ligeira,
e os seres dos bosques e a fauna marinha,
ele os captura em redes envolventes.
É o mestre do estratagema.
Atrai às suas armadilhas os animais errantes da

[floresta

e curva sob seu jugo
o pescoço peludo dos cavalos
e o touro selvagem no esplendor de suas forças.

CORIFEU

Ele ensinou-se, a si próprio,
a linguagem e o pensamento rápido,
as leis e os costumes,
assim como a evitar a aspereza do frio e da chuva.
Gênio universal que tudo acerta,
somente não achou remédio contra a morte,
se bem que possa resolver tantos casos desesperados.

CORO

Enriquecido com uma inteligência terrivelmente

[fecunda,
sofreu a atração do bem e do mal, e por sobre a
[justiça eterna
traspassa as leis da terra.
O mais elevado, porém, na cidade,
desce ao mais baixo da cidade, se a audácia
o conduz ao crime.
Que um hóspede como esse jamais encontre
lugar em meu lar e em meu coração.

CORIFEU — Por qual prodígio... Não, não posso acreditar no que vejo; mas
como negar que é Antígona? Ah, desgraçada, digna filha do desgraçado
Édipo, que é isto? És mesmo tu quem chega presa, rebelada, contra as
ordens do príncipe? Foste surpreendida cometendo essa loucura?





SEGUNDO EPISÓDIO

GUARDA — Eis a culpada; surpreendida no crime e presa. Onde está Creom?

CORIFEU — Entrou no palácio, mas ei-lo que chega, na hora.

CREOM — Que há? Por que dizes que chego a propósito?

GUARDA — Rei, é melhor nunca se fazer um juramento. Chega uma ideia e põe em choque aquilo que se pensava. Eu tinha me vangloriado de que não me verias tão cedo, porque tuas ameaças tinham me abalado fortemente. Mas nada pode causar tanta satisfação quanto uma alegria com que não se ousava mais contar. Eu tinha jurado pelos deuses, é verdade. Mas voltei e trago-te esta moça que foi apanhada quando ia ajeitar a sepultura. Desta vez não houve necessidade de se tirar a sorte, porque quem descobriu fui eu, eu só. Agora que a tens aqui, Rei, interroga e confunde a moça. Eu já estou fora do negócio e tenho direito à liberdade.

CREOM — Onde prendeste a moça? Como foi tudo?

GUARDA — Ela estava enterrando o homem, que queres mais?

CREOM — Compreendes a importância de tuas palavras? Estás dizendo a verdade?

GUARDA — Eu a vi enterrando o morto que proibiste enterrar. Não é bastante claro?

CREOM — Como foi ela descoberta e presa?

GUARDA — Eis a história. Cheguei lá, ainda preocupado com tuas ameaças.

Então, jogamos fora a terra que cobria o cadáver e tiramos sua roupa. Como ele começava a se decompor, fomo-nos sentar num lugar perto, no vento, por causa do cheiro. Para ficarmos acordados, nós nos vigiamos, evitando qualquer distração. Ficamos assim até o sol chegar ao meio do céu; e seus raios estavam de queimar. De repente uma pancada de vento levantou um turbilhão de poeira, verdadeira praga celeste que invadiu a planície, devastando a folhagem e enchendo o ar até as nuvens. Com os olhos fechados, nós nos curvamos sob o flagelo. Depois de uma porção de tempo, quando a tempestade se afastou, percebemos a moça que proferia agudas lamentações, como um pássaro quando chega ao ninho e não encontra os filhos. Quando viu o corpo nu, começou a gemer, a gritar, a maldizer os autores do sacrilégio. Com as mãos amassou de novo a terra e verteu de um belo vaso de bronze três libações com que coroou o cadáver. Nós corremos e prendemos a moça. Ela não teve nenhum medo. Foi acusada do primeiro crime e do segundo, e nada negou. Eu estava feliz e no entanto tinha pena, porque é bom escapar da desgraça, mas ninguém gosta de ver cair nela aqueles a quem se ama. Mas, para mim, minha salvação antes de tudo.

CREON — Muito bem, e tu? Tu que baixas o rosto para a terra, reconheces os fatos?

ANTÍGONA — Sim, reconheço-os formalmente.

CREON — *(Ao GUARDA.)* Vai para onde quiseres, de consciência leve. Estás livre.

Sai o GUARDA.

CREON — *(A ANTÍGONA.)* Responde em poucas palavras. Conhecias minhas ordens?

ANTÍGONA — É claro que as conhecia. O edito foi público.

CREOM — E ousaste transgredir a lei?

ANTÍGONA — Sim, porque não foi Zeus que a proclamou e a justiça que preside a terra de perto dos deuses não ordenou tais leis entre os homens. Eu não acreditava, na verdade, que tais editos tivessem tanto poder que permitissem a um mortal violar as leis divinas; estas são as leis não escritas, mas são leis infalíveis. Não são de hoje nem de ontem, estão em vigor desde sempre e ninguém as viu nascer. Desobedecer-lhes seria incorrer na cólera divina por um respeito covarde à autoridade de um homem. Eu sabia que havia de morrer. Era inevitável mesmo sem teu edito. Se morro antes do tempo, encaro a morte como uma felicidade. Quando se vive entre males, só se tem a ganhar com a morte. Não, a sorte que me espera não me aflige. Se eu tivesse deixado sem sepultura um corpo que minha mãe deu à luz, então sim, sofreria muito. Agora, tanto faz. Tu achas certamente que agi como uma louca. Acho o mesmo de ti.

CORIFEU — Como se repete na filha o carácter indomável do pai! Ela não sabe se curvar diante da adversidade.

CREOM — Pois aprenderás que quanto mais intratável é a pessoa, mais cede com facilidade. Quando se endurece no fogo o ferro maciço, quase sempre ele esfria e se quebra. Eu sei domar um cavalo enfurecido com um pequeno freio. Sim, o orgulho fica mal a quem depende inteiramente de outro. Esta sabia que passava o limite das leis já estabelecidas. Cometido o crime, ainda se excede orgulhando-se de sua obra. Na verdade, se eu a deixasse triunfar, impunemente, ela, e não eu, é que seria o verdadeiro homem. É minha sobrinha, mas mesmo assim, mesmo que seu sangue fosse mais próximo, nem ela nem a irmã escaparão ao castigo. Porque eu acuso Ismênia também de ter combinado com ela o sepultamento. Chamai-a: acabo de vê-la no palácio, angustiada, e a agitação trai sempre as intrigas que se tramam na sombra. Mas o que eu detesto é ver um culpado preso em flagrante querer tornar seu crime belo.

ANTÍGONA — Sou tua prisioneira e vou morrer. Que queres mais?

CREOM — Nada. Este castigo deixa-me satisfeito.

ANTÍGONA — Então por que te demoras? Tudo o que dizes me é odioso, e em mim tudo te fere. E entretanto que glória mais nobre podia eu obter do que a de dar um túmulo a meu irmão? Todos os que me ouvem ousariam me aprovar se o temor não lhes fechasse a boca. Porque, entre outros privilégios, a realeza tem o de mandar dizer aquilo que lhe agrada.

CREOM — Tu és a única a pensar assim em Tebas.

ANTÍGONA — *(Para o CORO.)* Estes pensam como eu, mas mordem os lábios.

CREOM — Não te envergonhas de desprezar a sabedoria deles?

ANTÍGONA — Não é vergonha honrar os que têm nosso sangue.

CREOM — Mas o outro, seu inimigo, não era teu irmão também?

ANTÍGONA — Sim, era meu irmão.

CREOM — E honrar um não é ultrajar o outro?

ANTÍGONA — Etéocles não pensará assim do fundo do seu túmulo.

CREOM — Entretanto tua piedade o rebaixa ao mesmo nível do criminoso.

ANTÍGONA — Polinices morreu como seu irmão e não como seu escravo.

CREOM — Um queria devastar a pátria que o outro defendia.

ANTÍGONA — No reino das sombras existem um só peso e uma só medida.

CREON — Mas o mau não tem direito à parte do justo.

ANTÍGONA — Quem sabe se nossas máximas não são sacrílegas lá embaixo?

CREON — Um inimigo morto é sempre um inimigo.

ANTÍGONA — Eu fui feita para compartilhar o amor e não o ódio.

CREON — Vai então e ama os mortos, se te é preciso. Enquanto eu estiver vivo não será uma mulher que fará as leis.

CORIFEU — Ismênia aparece à porta e chora por sua irmã bem-amada. Uma nuvem sobre a fronte escurece-lhe o rosto, entristecido por essa chuva que molha sua face cheia de encanto.

CREON — (*A ISMÊNIA.*) E tu, víbora, que te chegavas a mim em casa para me sugar o sangue. Eu sem nada saber alimentava duas pestes, dois inimigos de meu trono! Vai, fala: confessas a parte que tomaste nesses ritos funerários ou vais jurar que ignoras tudo?

ISMÊNIA — Sim, cometi esse ato, se ela me admite como cúmplice. Tomo também minha parte na acusação.

ANTÍGONA — Não tens direito a isso. Não quiseste me ajudar!

ISMÊNIA — Mas eu me sinto honrada em compartilhar contigo essa hora ingrata.

ANTÍGONA — Quem fez tudo? O Hades e os mortos sabem-no. Não tenho amor por quem me ama somente em palavras.

ISMÊNIA — Minha irmã, não me julgues indigna de pertencer à tua morte e à tua piedade pelo morto.

ANTÍGONA — Eu te proíbo de te associares à minha morte. Não queiras te apropriar de uma obra na qual não puseste a mão. Que eu morra, sim, é justo.

ISMÊNIA — Abandonada por ti não teria mais satisfação em viver.

ANTÍGONA — Confia-te a Creom: tu lhe és tão devotada!

ISMÊNIA — Que alegria encontras em me ferir?

ANTÍGONA — Tu me fazes rir, se bem que me despedaces o coração!

ISMÊNIA — E agora nada posso fazer por ti?

ANTÍGONA — Salva tua vida. Não tenho nenhuma inveja dela.

ISMÊNIA — Que desgraça a minha! É preciso então que me expulses até da tua morte?

ANTÍGONA — Tu escolheste a vida, eu não.

ISMÊNIA — Entretanto te preveni.

ANTÍGONA — Achas que fizeste bem. Outros acham que eu fiz bem.

ISMÊNIA — O crime é, no entanto, igual para nós.

ANTÍGONA — Não desespere: estás viva. Eu há muito tempo não passo de uma morta, inteiramente devotada aos mortos.

CREON — Não há dúvida: estas duas moças estão loucas, uma desde há pouco, a outra de nascença.

ISMÊNIA — Senhor, a pouca razão de que a natureza nos dá não resiste ao infortúnio.

CREON — Este foi teu caso, quando tomaste o partido do mal.

ISMÊNIA — Sem ela como poderia eu suportar a vida?

CREON — Não fales mais de tua irmã, ela não existe mais.

ISMÊNIA — Então condenarás à morte a noiva de teu filho?

CREON — Ele tem outros campos onde poderá plantar.

ISMÊNIA — Não foi por acaso que eles se amaram.

CREON — Não posso querer para meu filho uma mulher como esta.

ISMÊNIA — Ó Hemom, teu pai te insulta!

CREON — Tu me importunas demais com este casamento.

CORIFEU — Terás coragem de privar teu próprio filho daquela que ele ama?

CREON — O Hades está aí para consumir a ruptura.

CORIFEU — Vejo então que a coisa está resolvida: ela morrerá!

CREON — Tu o disseste. E estamos demorando! Servidores, levai-as para o palácio e deixai-as cuidadosamente vigiadas. Os mais atrevidos tentam se salvar, quando veem o Hades de perto.





2º ESTÁSIMO

CORO

Feliz aquele que envelheceu
sem conhecer o mal.
Quando um deus resolve ferir uma casa,
a desgraça se abate pouco a pouco
sobre todos os seus descendentes.
É como as ondas enormes
que ao sopro furioso da tempestade
rolam na superfície das águas do mar,
revolvem nas profundezas uma areia enegrecida,
jogete da ventania, e se embatem
contra os rochedos que respondem ribombando.

CORIFEU

Há muito tempo já que vejo,
sob o teto dos Labdácidas,
desgraça sobre desgraça,
ferindo os vivos e os mortos.

CORO

O pai não pode guardar seus filhos:
fatalidade que nada detém,
um deus os abate, um a um!
Hoje a última esperança
que brilhava na casa real,
o rebento derradeiro da raça de Édipo,
ei-lo agora ceifado,
raiz da poeira vermelha
consagrada às deidades infernais.

CORIFEU

Que orgulho humano teria valimento
contra tua divindade, ó Zeus?

CORO

Nem o sono que cansa tudo
tem poder sobre ela,
nem os filhos dos deuses,
os meses infatigáveis.
Tu, senhor eternamente e jovem,
presides o Olimpo
numa luz sempre deslumbrante.
E amanhã, como ontem,
e para todo o sempre
prevalecerá esta lei:
nenhum mortal atinge
o limite da felicidade
sem tocar o de sua perdição.

CORIFEU

A mudável esperança consola homens,
mas de muitos outros
explora os crédulos desejos.

CORO

Ela se insinua ao homem descuidoso
e ei-lo que se queima:
seu pé tocava o fogo.
Pois o mal parece bem
a todo espírito
que um deus impele à sua perdição.
(Para o palácio.)
Aquele não estará muito tempo abrigado.

Aparece CREOM e, à esquerda, HEMOM.





TERCEIRO EPISÓDIO

CORIFEU — Eis Hemom, teu filho. Creio que veio ansioso pela sorte de Antígona, sua jovem noiva, e que está desesperado por causa de seu noivado rompido.

CREOM — Já saberemos de tudo sem necessidade de adivinhos. Meu filho, o decreto irrevogável que condenou tua noiva vai-te lançar furioso contra teu pai? Ou tu me guardas, tu pelo menos, uma afeição a toda prova?

HEMOM — Meu pai, eu pertenço a ti. Teus conselhos me dirigem no bom caminho e eu os seguirei sempre. Nenhum casamento terá valor maior aos meus olhos que tua sábia autoridade.

CREOM — Eis aí exatamente os sentimentos que é preciso ter, meu filho. Tudo deve se curvar diante da vontade de um pai. Os homens desejam ver aumentar em sua casa os filhos submissos, que endossem suas rixas e amizades. Dar a vida a ingratos é engendrar a própria miséria, para grande alegria de quem nos odeia. O amor, meu filho, é somente um prazer. Não percas a razão por uma mulher. Lembra-te de que o abraço de uma esposa má regela o marido. Não existe praga pior do que um mau amigo. Assim, rejeita essa desgraçada moça como um ente malfazejo. Deixa que vá se casar lá pelo Hades, se isto lhe agrada. Ela foi a única na cidade surpreendida em desobediência; entendo portanto que não devo ser indigno da confiança do povo: condeno-a à morte. Depois, pode invocar, com grandes brados, a Zeus familiar: se eu permitir que a revolta se alimente no meu próprio lar, os estrangeiros pensariam que tudo lhes é permitido. Quem quer que saiba respeitar a regra em sua família, saberá fazer respeitar a justiça na cidade. O orgulho, que viola as leis e pretende ditar as suas ordens no poder, não se fará de minha aprovação. Aquele que o povo escolheu deve ser escutado em todas as coisas, grandes e

pequenas, justas ou injustas. Eu não tenho dúvidas: um cidadão disciplinado sabe comandar tão bem quanto se curva a obedecer. Na batalha, defenderá seu posto como leal e corajoso servidor do país. A anarquia é o pior dos flagelos: arruína as cidades, destrói os lares, rompe as linhas de combate, semeia o pânico, enquanto o espírito de disciplina salva quase sempre aqueles que permanecem em seu posto. Por isso, o nosso dever é defender a ordem e jamais permitir que uma mulher passe por cima dela. É melhor tombar sob os golpes de um homem, se preciso for, do que ser considerado batido por uma mulher.

CORIFEU — Se a idade não me tirou todo julgamento, eis as palavras de um homem sensato.

HOMEN — Meu pai, quando os deuses deram razão aos homens, dotaram-nos do bem mais precioso. O céu me preserve de encontrar erro em ti, mas o fato pode parecer melhor encarado de outra maneira. Eu, por exemplo, estou em boa posição para saber, antes de ti, as opiniões, as intrigas, os murmúrios. Tua presença gela o homem do povo, que não se atreve a dizer aquilo que te desagrade. Quanto a mim, passo despercebido e ouço o que se diz. Foi assim que pude ver quanto a cidade lamenta essa moça: nenhuma mereceu menos uma morte infamante. E por uma ação tão bela! Seu irmão, morto em combate, estava privado de sepultura: ela não quis abandonar seu corpo aos cães e às aves de rapina. E então? Ela merece uma coroa de ouro! Esta é a opinião que se murmura sob os mantos, meu pai. Tua felicidade me é mais cara do que tudo: um pai que prospera faz o orgulho de seus filhos, assim como os filhos são o orgulho de seu pai. Mas não sejas obstinado em teus julgamentos. Não és o único detentor da verdade. A superioridade daqueles que pensam ser os únicos sábios, eloquentes, geniais, raramente resiste a um exame. Mesmo o maior sábio não tem vergonha de se instruir sem cessar e de reformar suas opiniões. Em tempo de cheia, ao longo das torrentes, podes ver as árvores que sabem se curvar salvando seus galhos jovens, enquanto aquelas que resistem são arrancadas. Também o marinheiro, que se pega à bolina com demasiada firmeza, faz a nave soçobrar. *(Abraça-o.)* Cede a teu coração, meu pai, volta sob teus passos! Se minha juventude fosse capaz de um conselho sensato, eu diria que não vejo nada maior do que um homem

cheio de experiência. Mas não se encontra um todo dia, e não se deve desdenhar uma boa voz, venha de onde vier.

CORIFEU — Senhor, se há bom senso nestas palavras, convém aproveitar delas como a ele das tuas. Porque ambos falaram razoavelmente.

CREOM — *(Pondo a mão no ombro do CORIFEU.)* Em nossa idade! Suportar que uma criança nos ensine a sabedoria?

HEMOM — Retém apenas o que é justo. Eu sou moço, meu pai, mas não olhes a idade. Vê os fatos.

CREOM — *(Repelindo-o.)* Honrar os rebeldes é agir bem?

HEMOM — *(Levantando-se.)* Não estou intercedendo pelos maus.

CREOM — E qual é então o caso dessa moça?

HEMOM — O povo de Tebas é unânime em negar isso.

CREOM — A cidade não pode ditar minha conduta.

HEMOM — Agora sim, falas como uma criança.

CREOM — Então não posso mais governar?

HEMOM — A cidade feita para uma só pessoa não é mais uma cidade.

CREOM — A cidade pertence ao soberano.

HEMOM — Seria muito bonito reinar num deserto.

CREON — *(Ao público.)* Este aliou-se também com a mulher.

HEMOM — És uma mulher, por acaso? É a ti que defendo.

CREON — Miserável! Tens coragem de acusar teu pai?

HEMOM — É que te vejo faltar à justiça.

CREON — Falto à justiça por fazer respeitar meu poder?

HEMOM — Não respeitas os deuses! Deste no culto com os pés!

CREON — *(Ao público.)* Ah, natureza vil a quem uma mulher domina!

HEMOM — Nunca me verás dominado pelo mal.

CREON — Todas as palavras que dizes são em favor dela.

HEMOM — E por ti também, e por mim, e pelos deuses.

CREON — Não posso ouvir as tolices do escravo de uma mulher.

HEMOM — Hás de falar sempre, sem nunca escutar ninguém.

CREON — E tu não casarás nunca com essa mulher.

HEMOM — Ela morrerá então, e sua morte matará outro!

CREON — Era o que faltava, ameaçares teu pai!

HEMOM — Que ameaça existe em rebater frases desordenadas?

CREOM — E acreditas que estas tolices não vão te custar caro?

HEMOM — Se não fosses meu pai, diria que estás perdendo a razão.

CREOM — Pensas assim? Pois ela saberá te curar pelo insulto. *(A um servidor.)* Trazei essa moça odiosa. Quero que ela pereça imediatamente sob os olhos do noivo.

HEMOM — Não me importa. Ela não morrerá diante dos meus olhos. E tu nunca mais hás de suportar a minha presença. Dá tua loucura como espetáculo a teus cortesãos. *(Sai.)*

CORIFEU — Senhor, o moço partiu bruscamente, num transporte de furor. Em sua idade a dor é má conselheira.

CREOM — Deixa que se agite, que chegue ao extremo de seu orgulho: as duas moças não escaparão a sua sorte.

CORIFEU — Queres então matar as duas?

CREOM — Tens razão. Não aquela cuja mão é inocente.

CORIFEU — E que suplício reservas à outra?

CREOM — Mandá-la-ei a um lugar deserto onde será encerrada viva numa caverna, com os alimentos que o ritual prescreve a fim de que a cidade escape à imputação de crime. Lá, invocando Hades, seu deus favorito, ela obterá com certeza o favor de não morrer. Ou então poderá, pelo menos, medir a vaidade das honras que prestam aos mortos.





3º ESTÁSIMO

CORO

Amor invencível no combate,
Amor tirano das próprias conquistas!
Tu que durante a noite
repousas sobre a face fresca dos jovens,
tu que percorres os mares,
os campos e as choupanas,
que deus te pode evitar?
E que homem mortal também?
No entanto não passa de um louco
aquele que carrega o amor no coração.

CORIFEU

O próprio espírito do justo perde-se,
seduzido por ti à injustiça.

CORO

Entre esses dois homens
acabas de excitar um ódio
alimentado no mesmo sangue.
A atração que mora, rebrilhando,
nos olhos da jovem desposada
vence sempre e tem seu lugar
entre as leis que reinam sobre o mundo
e, sem necessidade de combate,
a divina Afrodite nos maneja.

CORIFEU — Mas revolto-me da minha parte e não posso deter o regato das
lágrimas, quando vejo Antígona caminhar para o quarto onde todos

havemos de adormecer.

ANTÍGONA — Olhai, cidadãos de minha pátria: sigo por meu último caminho e este é o derradeiro sol que vejo. Depois... nunca mais! O Hades, que adormece tudo, leva-me ainda viva às margens do Caronte, despojada de minha felicidade nupcial e sem poder entoar o canto cerimonial no limiar da casa do meu esposo.

CORO

Segues para esse mundo secreto onde estão os mortos,
gloriosa e admirada.
Nenhuma doença te molestou,
nenhuma espada te feriu.
Recebendo tua própria lei,
vais descer ao Hades viva.
É um destino inusitado.

ANTÍGONA — Contaram-me o triste fim dessa estrangeira frígia, Níobe, filha de Tântalo, no cume do monte Sipilo. Ela, semelhante à hera, cingiu-se inteiramente à rocha e paralisaram-se seus membros. Conta-se que a chuva e a neve maltratavam continuamente sua carne, e que as lágrimas corriam-lhe dos olhos sobre o colo. Semelhante é o destino que me espera no túmulo.

CORO

Ela era deusa e nascera de outra deusa,
nós nascemos mortais e filhos de mortais.
Quando não existires mais,
que glória para ti,
teres conhecido a sorte de uma divindade,
entrando viva na morte.

ANTÍGONA — Escarneces de mim! Pelos deuses de nossos pais! Tens coragem de me ultrajar agora? Espera ao menos que eu morra. Ó cidade, ó

opulentos cidadãos de minha terra! Ó fontes dirceias, ó muralhas sagradas de Tebas! Dai-me, unânimes, este testemunho: não terei sequer uma lamentação de meus amigos no momento em que parto — e vítima de quais leis? — para esse asilo subterrâneo, para esse túmulo estranho. Tal é meu infortúnio. Vivo ainda e não estou mais entre os homens, separada ao mesmo tempo dos vivos e dos mortos.

CORO

Levada por tua audácia,
caminhas para o trono da Justiça
e feriste cruelmente a ti própria, filha.
Sem dúvida pagas
alguma culpa de teu pai.

ANTÍGONA — Ah! Agora tocaste na minha chaga, no meu tríplice motivo de pranto! A desgraça de meu pai e de nossa família, a desgraça que não poupa nenhum dos Labdácidas! A maldição lançada sobre o leito materno! O casal incestuoso de filho e de mãe. É então daí que procede todo o meu infortúnio? Desgraçada! Eis-me então aqui, meus pais: amaldiçoada e sem marido, vou morar convosco! E tu, cujo casamento entre os argivos causou tantos males, tu, meu irmão Polinices, morrendo, levaste-me contigo!

CORIFEU — A piedade cobriu-se de honras com teu ato. Mas quando se tem a carga do poder, não se pode tolerar a desobediência que te perdeu.

ANTÍGONA — Então não terei em meu último caminho a escolta do pranto, da amizade, nem dos cantos nupciais! Nem se abrirá para mim nunca mais este olhar sagrado do dia! Esta é minha lei! Nem uma lágrima, nem um suspiro amigo para lamentar meu infortúnio.

CREOM — *(Ao povo.)* Sabeis que se fosse permitido se demorar assim em lamentações antes de morrer seria um nunca acabar! Por que não a levais imediatamente? E fazei direito o que já disse: fechai-a na caverna e deixai-

a em sua solidão, seja para chamar a morte, seja para tentar viver emparedada. Eu tenho mãos puras a respeito desta moça: ela será privada da comunhão dos vivos.

ANTÍGONA — Ó túmulo, minha câmara nupcial, minha eterna prisão na terra!

Aí vou reencontrar os meus, que Perséfone já acolheu entre os mortos. A última e mais desgraçada de todos desce por minha vez, antes de ter esgotado meu quinhão de vida. Mas que importa? Alimento a esperança de que, lá, minha chegada fará a alegria de meu pai; a tua também, minha mãe amada; e a tua, Etéocles querido. Quando morrestes, eu vos lavei as mãos, preparei-vos e verti libações sobre vosso túmulo. Quanto a ti, Polinices, por ter cuidado de teus funerais, vês o meu salário? Entretanto eu tinha razão. Se fosse mãe e se fossem meus filhos ou meu esposo que tivessem morrido, não teria violado a lei para cumprir esse dever. Que motivos teria eu então? Viúva, poderia me casar ainda, e, se perdesse meu filho, meu segundo esposo poderia me tornar novamente mãe. Mas um irmão, agora que meu pai dorme na noite do Hades, não tenho mais esperança de me nascer outro. Não foi outra coisa que pensei ao te honrar particularmente, querida fronte materna! Mas Creom declara que cometi um crime de uma audácia terrível. E prendeu-me, privando-me de meu noivo, de minhas núpcias, de minha parte de esposa e de mãe. Sem amigos, sozinha em meu infortúnio, desço viva à caverna dos mortos! Que decreto divino eu violei? Enfim, para que levantar ainda o olhar para os deuses? A quem poderia pedir socorro, quando minha piedade só me valeu o nome de ímpia? Se os deuses acham bom que me tratem assim, então no meio do meu suplício confessarei que era criminosa. Mas se o crime está do outro lado, possam meus perseguidores sofrer apenas os males que me fazem suportar injustamente.

CORIFEU — Sempre sacudida pelo mesmo sopro de paixão.

CREOM — Atenção: os guardas poderiam padecer por sua lentidão.

ANTÍGONA — Ah! Eis que me anunciam minha morte próxima.

CREON — Não esperes que o medo te abandone!

ANTÍGONA — Capital do país de Tebas, cidade de meu pai, e vós, deuses meus antepassados, é um fato: estou condenada. Vede, notáveis de Tebas, a derradeira de vossas princesas! Olhai o meu sofrimento e não vos esqueçais de que sua causa foi minha piedade.

CORO

Esta foi também a morte de Dânae:
trocar a clareza do céu pela noite
de uma prisão de bronze.
Sofreu assim o jugo encerrada em sua câmara tumular.
Entretanto ela também era de ilustre descendência,
ó Antígona, minha filha,
e acolhia em suas entranhas
a chuva dourada de Zeus;
mas o poder da fatalidade é uma potência terrível:
nem a prosperidade, nem Ares, o deus da guerra,
nem as torres, nem os navios
abalados pelas ondas podem evitá-lo.

CORO

Também foi encadeado o filho de Driante,
rei dos edônios,
o qual por sua índole obstinada
foi encerrado por Dionísio numa prisão de pedra.
Assim se esgota, gota a gota,
essa audácia terrível,
capturada vivamente por seu furor.

CORIFEU

O insensato vê agora que feria um deus
com sua língua insolente,
orgulhando-se de possuir o ardor das bacantes
e o fogo das tochas dionisiacas.

CORO

Também perto dos negros rochedos,
cercados por mares iguais
estão os promontórios do Bósforo
e a sinistra Salmidesso,
onde o deus da guerra, protetor da cidade,
viu os filhos de Fineu
despedaçados por uma chaga atroz:
sua cruel madrasta, excitada por um deus,
arrancou o globo de seus olhos
sem outra espada que os dedos ensanguentados
e a ponta de suas laçadeiras.

CORIFEU

Os desgraçados, consumidos pela dor,
choravam sobre o destino que os tinha feito
nascer de uma união indesejável.

CORO

No entanto, sua mãe pertencia
à ilustre descendência dos Eréctidas
e entre os rochedos solitários,
alimentada em meio a tempestades,
ela, criança dos deuses e filha de Bóreas,
galopava com os cavalos
nas ravinas das montanhas.
Vê então, tu, minha filha:
ela também foi vítima das Parcas irrevogáveis.





QUARTO EPISÓDIO

TIRÉSIAS — Senhores de Tebas; eis-me com meu guia. Ele tem olhos por nós dois, pois de outro modo o cego não pode caminhar.

CREOM — Que há, venerável Tirésias?

TIRÉSIAS — Dir-te-ei em pouco, mas é preciso escutar o adivinho.

CREOM — Nunca desprezei teus avisos.

TIRÉSIAS — E sempre tens governado bem!

CREOM — Reconheço que me prestaste muitos serviços.

TIRÉSIAS — Sabes então que agora estás caminhando pelo fio de uma navalha.

CREOM — Que há? Tuas palavras fazem-me estremecer!

TIRÉSIAS — Ouve o que minha arte me revelou. Eu me sentara na velha cadeira dos augúrios, pórtico dos presságios, quando percebi um piado confuso de pássaros enfurecidos, um ruído ininteligível. Mas, pelo ruflar das asas, compreendi que se despedaçavam entre si. Em seguida, cheio de temor, quis queimar uma vítima no altar. Mas em vez de a chama se elevar por cima das carnes, a gordura das coxas, fundindo-se sobre a cinza, crepitava, fumegando. O fel desfazia-se em vapor e o humor gorduroso corria, deixando apenas os ossos nus. Segundo as indicações que o menino me dava, entendia que as vísceras consagradas se consumiam sem fornecer o presságio. Sim, porque este menino serve de

guia a mim, que guio os outros! Ora, vim para te dizer que a cidade sofre por tua causa. Nossos altares, todos os lares em que se fazem sacrifícios, estão cheios de pedaços que os pássaros e os cães arrancaram aos despojos do infortunado filho de Édipo. Os deuses não aceitam mais as preces dos sacrificadores nem a chama das coxas imoladas, e os pássaros não fazem mais vibrar seus gritos de bom agouro, porque devoraram o sangue coagulado de um cadáver. Reflete, meu filho! Todo mundo está sujeito a se enganar, sem ser por isso um insensato ou um desgraçado, desde que não se obstine no erro. Mas teimosia revela ignorância. Vamos, aplaca-te ante o morto. Não persigas um cadáver! Um morto não precisa ser morto duas vezes. Falo por teu bem, porque muito bem te quero. É preciso ouvir a sabedoria de um amigo, quando ela procura o nosso interesse.

CREON — Ah, velho! Como arqueiros, então, atirais todos contra mim?

Faltavam os adivinhos! Todos os meus próximos venderam-me, traíram-me! Muito bem! Fazei fortuna, comprai, se assim o quiserdes, os metais de Sardes e o ouro da Índia: não enterrareis esse morto! Nunca! Nem mesmo que as águias de Zeus levem pedaços do cadáver até o trono de seu senhor. Não tremerei a ponto de deixar que se enterre essa carne manchada, pois bem sei que nenhum humano é capaz de apaziguar uma divindade! A queda, venerável Tirésias, vigia os homens mais hábeis, e eles caem para sua vergonha, quando colocam sua eloquência à serviço da ambição.

TIRÉSIAS — Ai! Por que um homem nunca pensa... que a sabedoria vale por todos os bens do mundo?

CREON — O quê? Mais um lugar comum? E por que não pensar também que a imprudência é a pior das pestes?

TIRÉSIAS — E no entanto é desse mal que estás cheio.

CREON — Não responderei às injúrias de um adivinho.

TIRÉSIAS — Tu, sim, estás me insultando, acusando-me de predizer mentiras.

CREOM — Como essa raça ama o dinheiro!

TIRÉSIAS — A dos reis é que enriquece por qualquer meio.

CREOM — Estás esquecido de que falas com teu soberano?

TIRÉSIAS — Eu nada esqueço. Graças a quem salvaste a cidade?

CREOM — Ah, em tua arte és muito hábil! Mas amas a injustiça!

TIRÉSIAS — Tu me forças a revelar os segredos que repousam em meu coração.

CREOM — Revela-os. Não é o interesse que te leva a falar?

TIRÉSIAS — Então é assim que me julgas agora?

CREOM — Minha decisão não será revogada seja qual for o preço.

TIRÉSIAS — Seja, então! Sabe que muitos sóis não cumprirão seu curso antes que mates uma criança de tuas entranhas como expiação pelas vítimas por que tens de responder: esta inocente, que tiraste do mundo dos vivos para encerrar numa caverna subterrânea, e esse morto que reténs, penando sobre a terra, longe dos deuses infernais, privado das honras fúnebres e purificações. Não tens direito sobre eles, nem tu, nem nenhuma divindade dos céus. Tu lhes fazes uma violência. Por isso, as Fúrias Vingadoras do Hades e dos deuses preparam a armadilha mortal que te enredará em teus próprios crimes. E agora, vê se digo isso por amor ao dinheiro: próximo está o tempo em que os homens e as mulheres irão se levantar em teu palácio. Já se rebelam as cidades, para onde os

cães, os animais selvagens e os pássaros levam a carniça impura, consagrando nos altares domésticos pedaços decompostos. Eis aí! Levaste-me ao extremo e, na cólera de meu coração, lancei minhas flechas com mão segura. Não escaparás à sua dor. Vamos, meu filho, leva-me. Deixemos que este leve seu furor sobre outros mais jovens. Que possa acostumar sua língua à cortesia e seu espírito a pensamentos sem loucura. *(Sai.)*

CORIFEU — Príncipe, o adivinho foi-se depois de proferir terríveis profecias. E desde o tempo em que tinha cabelos negros — e hoje embranqueceram completamente — não o vi dizer uma mentira em tudo que profetizou.

CREOM — Eu sei também e minha alma se perturba. É terrível ceder. Mas, se resistir, exponho-me aos mais terríveis golpes da fortuna.

CORIFEU — Prudência, Creom, filho de Meceneu.

CREOM — Que fazer? Dá tua opinião, eu a seguirei.

CORIFEU — Manda tirar a moça de sua caverna subterrânea; e prepara um túmulo para o morto.

CREOM — Pensas então que devo ceder!

CORIFEU — Sim, ó rei, e sem perder um momento. O castigo divino caminha depressa e se abate sobre o culpado.

CREOM — Ai! Eu me desdigo com desgosto mas é preciso. Contra a necessidade a luta é sem esperança.

CORIFEU — Vai, não confies o fato a outros.

CREOM — Eu vou. Servidores, reuni-vos, tomai estacas e correi para ali.
Assim mudei eu de propósito. Esta moça que pus a ferros, vou libertá-la
eu mesmo. Parece que na verdade é melhor não mudar as leis
estabelecidas. *(Sai.)*





ÊXODO

CORIFEU

Deus dos cem nomes,
orgulho da ninfa tua mãe,
da filha dos cadmeus!
Ó rebento de Zeus do surdo trovão!
Preferes os bordos da Itália ilustre
e reinas nos vales comuns
de Ceres Eleusina.

CORO

E tu, Dionísio, presides a Tebas,
cidade natal das Bacantes,
perto da torrente do Ismeno
onde foram semeadas as ásperas sementes do dragão.

CORIFEU

Para ti se dirige a chama
que brilha sobre este monte de dois cumes
onde dançam as ninfas corícias
companheiras de jogo e a fonte de Castália.
Tendo abandonado Nisa,
com suas rochas cobertas de hera
e os vinhedos que cobrem seus arredores,
percorres nossas ruas
gritando o místico evoé.

CORO

Porque tu honras Tebas entre todas as cidades
e tua mãe contigo,

a ninfa fulminada.
Mas hoje vê como todo este povo é presa do mal.
Acorre, pois:
que teu passo salvador
franqueie o Parnasso, o estreito retumbante!
Ó chefe do coro dos astros,
deus do hábito luminoso
a quem festejam os gritos que sobem na noite,
aparece, rebento de Zeus,
meu rei,
no meio de um cortejo das Tíades,
que delirando até a aurora
dançam,
dançam
por ti, Dionísio, seu senhor!

MENSAGEIRO — Cidadãos de Tebas e do templo de Anfião! Nunca mais admirarei como feliz nem lamentarei como desgraçado a um homem enquanto for vivo. A fortuna exalta, a fortuna precipita os felizes e os desgraçados e ninguém sabe ler o destino dos mortais. Outrora Creom me parecia digno de inveja. Ele libertara o solo tebano: subira ao trono, reinava como soberano absoluto e sua família florescia. Tudo se desvaneceu. Quando um homem perdeu a alegria, creio que não vive mais: é um morto que respira. Amontoa tesouros num palácio, leva uma vida faustosa de rei: se te falta a alegria de viver, todo o resto não vale, em comparação, a sombra da fumaça.

CORIFEU — Que infortúnio de nossos príncipes vens ainda anunciar?

MENSAGEIRO — A morte de uns pela falta de outros!

CORIFEU — Quem é o assassino? Quem é a vítima? Fala!

MENSAGEIRO — Morreu Hemom, vítima de uma mão de seu próprio sangue.

CORIFEU — A mão de seu pai? Ou a sua própria?

MENSAGEIRO — Feriu-se a si mesmo, revoltado contra um pai assassino.

CORO — Ah, Tirésias, tuas predições não mentiam!

MENSAGEIRO — Tais são os fatos. É preciso agora prever o que se lhes segue.

CORIFEU — E eis que vejo Eurídice, a desgraçada esposa de Creom. Terá saído por acaso, ou ouviu que se falava do seu filho?

EURÍDICE — Cidadãos, vossas palavras chegaram até mim, quando eu saía para endereçar minhas súplicas à deusa Palas. No momento em que a porta se abria, o murmúrio de uma desgraça sobre os meus feriu meus ouvidos e caí nos braços das mulheres, paralisada pelo terror. Vamos, qualquer que seja a notícia, repeti-a diante de mim. Eu saberei ouvir a desgraça: já estou habituada.

MENSAGEIRO — Minha senhora amada, assisti aos acontecimentos e nada omitirei da verdade. Para que atenuá-la, se logo se iria descobrir que eu a falseara? O caminho da verdade é o caminho certo. Ora, fui eu quem guiou o rei através da planície para o lugar em que jazia, ainda, despedaçado pelos cães, o corpo lamentável de Polinices. Tendo primeiro suplicado à guardiã das estradas e a Plutão que contivessem benfazejamente sua cólera, banhamos o corpo em água pura e o envolvemos com ramos recém-cortados. Queimamos então o que restava dos galhos e fizemos para o morto um túmulo, batido com a terra paterna amontoada. Dirigimo-nos então para a caverna da moça, aquilo que era ao mesmo tempo sua câmara nupcial e mortuária. De longe, um de nós ouviu gritos dolorosos, perto da cela funerária que não fora honrada com os ritos, e avisou Creom. Quando o rei se aproximou, ouviu gritos confusos de desespero e, chorando, deixou escapar uma amarga lamentação: “Desgraçado! Terei adivinhado? Será que caminho pela via mais dolorosa da minha vida? É a voz de meu filho! Servidores, correi depressa ao

túmulo! Rompei o muro que o cerca, entrai e olhai: quero saber se ouço a voz de Hemom ou se os deuses escarnecem de mim.” Cumprimos a ordem do Senhor. No fundo do túmulo descobrimos a moça enforcada, com o pescoço enlaçado por um nó de sua charpa de linha. Hemom tinha-se lançado contra o corpo, que estreitava: gemia pela noiva que descera à morte pelo rigor de seu pai, por seu amor tão desventurado. Seu pai avistou-o: entrou sacudido por rudes soluços e chamou-o com uma voz dolorosa: “Que fizeste, infortunado? Que querias fazer? Que golpe destruiu tua razão? Meu filho, peço-te que saias!” Mas o filho, com os olhos de louco, cuspiu-lhe o rosto e investiu com a espada. O rei esquivou-se ao golpe e saiu. Então o desgraçado voltou seu furor contra si próprio: alongando o braço, apoiou a ponta da espada no peito e apunhalou-se. Ainda vivo, mas com um braço já desfalecente, atraiu contra si o corpo da noiva, cuja face pálida foi inundada pelo sangue que jorrava. Os dois cadáveres jazeram assim enlaçados. Seu casamento foi consumado por Hades para ensinar aos humanos que não existe flagelo mais pernicioso que a imprudência.

CORIFEU — Que acontecimento isto prenuncia? A rainha retirou-se sem uma palavra.

MENSAGEIRO — Também eu fiquei perturbado. Talvez ela tenha achado melhor não expor sua dor materna em público, e foi dizer às mulheres que devem chorar a desgraça. Tem muita sabedoria para faltar a essas conveniências.

CORIFEU — Não sei. Um silêncio muito grande parece-me mais carregado de ameaça do que uma explosão de gritos inúteis.

MENSAGEIRO — Se queremos conhecer o segredo desse desespero tão bem contido, entremos no palácio. Tens razão; um silêncio tão grande é carregado de ameaças. *(Sai.)*

CORIFEU — Um instante. Eis o rei que se aproxima, trazendo nos braços, se me é permitido dizer assim, o claro testemunho de uma desgraça que só

deve a si próprio.

CREOM — Ó cruéis e mortais desgarramentos de minha sabedoria! Ó imortal obstinação! Vede o mesmo sangue gerar o assassino e a vítima. Desgraçado de mim, que funesto decreto. Ó meu filho, tão moço e morreste e por minha culpa! Ah, louco que eu era! Por minha culpa!

CORIFEU — Ai, temo que seja muito tarde para ver claro!

CREOM — A desgraça abriu-me os olhos! Um deus feriu-me duramente, levando-me por um caminho atroz e espezinhando minha sorte. Ai de nós, dura provação é ser homem!

MENSAGEIRO — *(Voltando do palácio.)* Senhor, tens já em teus braços a tua carga de infortúnio, mas em pouco verás outra, se entrares no palácio.

CREOM — Que acontece ainda de pior?

MENSAGEIRO — Como digna mãe de teu filho, tua infortunada mulher matou-se, sucumbindo à ferida que ela mesma causou.

CREOM — Ah, porto infernal, faminto de vítimas, queres então que eu morra! E tu, mensageiro de desgraças, que notícia vem me ferir ainda por tua voz? Infeliz de mim, é um moribundo que tu acabas! Que dizes que acontece ainda? Minha mulher morta depois de meu filho e em meu redor a morte por todos os lados!

CORIFEU — Olha! Podes vê-la daqui, no palácio.

CREOM — Desgraçado de mim! Meu infortúnio revela seu segundo rosto. Que nova morte me espera ainda? Eu tinha em meus braços meu filho morto e eis sob meus olhos o outro cadáver. Ó mãe dolorosa! Ó meu filho!

MENSAGEIRO — Ferida por um punhal aguçado, deixou que os olhos se cobrissem, com as pálpebras cheias de sombra, diante do altar, e chorou por Megareu, seu primeiro filho, e ainda por Hemom, maldizendo o pai assassino.

CREOM — Ó deuses, estou perdido com tanto horror. Por que não me matais com uma espada de dois gumes? Sou apenas um infortunado, em torno de quem só há desgraças.

MENSAGEIRO — Morrendo ela culpou a ti pela morte dos dois filhos.

CREOM — E como se matou Eurídice?

MENSAGEIRO — Ferindo-se no coração, quando soube da morte de Hemom.

CREOM — Desgraçado de mim, a culpa é minha, somente eu devo ser acusado. Fui eu quem te matou, sou um assassino, eu, só eu! Ó cidadãos, expulsai-me logo para longe, para muito longe daqui! Estou mais aniquilado do que se estivesse morto.

CORIFEU — Tomas o melhor partido, se pode haver algum bem na desgraça. Quando ela existe, o melhor é abreviá-la.

CREOM — Que a morte acorra ainda a meu apelo, que ela se mostre e me traga meu supremo dia. Que venha, a morte me será bem-vinda. Não quero ver mais nenhum dia se levantar.

CORO

O que há de ser será.
Ocupemo-nos do presente.
O resto não é de nossa alçada.

CREOM — Tudo o que desejo está na prece que fiz.

CORO

Não desejas nada.
Ninguém pode escapar
a seu quinhão do infortúnio.

CREOM — Que se expulse, e para bem longe, este pobre louco. Eu não queria vos matar, a ti meu filho, nem a ti que aí estás. Pobre de mim, não sei mais para onde me voltar! Fugiu-me tudo o que eu possuía e o destino se abateu sobre minha cabeça. Eu não posso mais.

CORO

A sabedoria é a primeira condição da felicidade.
E é preciso sobretudo
jamais faltar com os deveres piedosos.
Grandes golpes da fortuna
fazem presunçosos pagar sua jactância
e ensinam-lhes prudência, mas somente quando é
[tarde demais.

PANO.

